



Partidos mudam de nome na tentativa de atrair eleitores

Legendas tiram a palavra "partido" e adotam expressão como "Podemos", "Avante" e "Patriota"; cientistas políticos veem estratégia como jogada de marketing

De olho nas eleições de 2018, um grupo de partidos aposta na mudança de nome, inclusive com a retirada da palavra "partido" da nomenclatura, para se apresentar como uma nova alternativa e se descolar da atual crise política e se aproximar dos eleitores.

O PTN já efetivou a troca para Podemos. O PTdoB virou Avante. O PSDC se intitula agora Democracia Cristã. O PEN quer passar a ser denominado Patriota. No PMDB, há um estudo para que a legenda resgate as origens e volte a ser MDB, como na época da ditadura, em que fazia oposição ao regime militar. O presidente da sigla, senador Romero Jucá (RR), chegou a defender a ideia em 2016, mas a discussão não foi adiante. A reportagem apurou que ele pretende retomar esse debate até o fim deste ano.

Com o objetivo de se fortalecer para a disputa eleitoral, o DEM, que já foi PFL, também estuda alterar novamente o nome e articula uma revisão do estatuto para atrair parlamentares do PSB. Uma possibilidade aventada atualmente é que a sigla venha a se chamar Mude.

O QUE DIZEM OS PARTIDOS

Presidente do Podemos, a deputada federal Renata Abreu (SP) explica que a troca do nome Partido Trabalhista Nacional (PTN), realizada no final de 2016, aconteceu após um longo estudo e que não foi feita pensando em 2018.

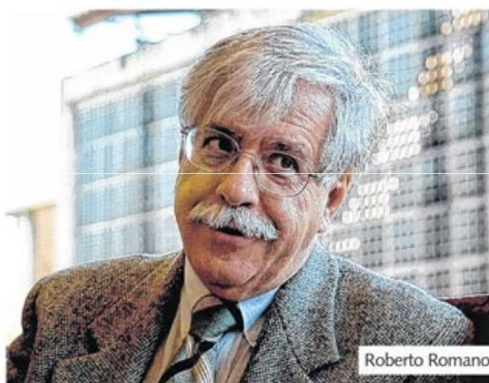
Ela, porém, reconhece que a mudança deverá ajudar a sigla nas urnas. "A maior parte dos brasileiros não se identifica com partido nenhum. E queremos superar esse debate de direita-esquerda. Queremos ser um movimento e escolhemos 'Podemos' porque foi a pa-

lavra que mais aparecia nas nossas pesquisas, por representar um empoderamento. A ideia é distanciar da crise política e mostrar uma reproximação com a sociedade", afirma Renata. A intenção dentro da legenda é lançar o senador Álvaro Dias (Pode-PR), recém-incorporado ao partido, como candidato à Presidência da República.

No Avante, a nova denominação, após 27 anos como Partido Trabalhista do Brasil (PTdoB), faz parte de uma estratégia para aumentar o número de parlamentares eleitos em 2018, segundo o deputado federal Silvío Costa (PE). Atualmente, a bancada na Câmara tem apenas três nomes.

O presidente da legenda, deputado federal Luís Tibé (MG), diz que o novo nome é uma tentativa de "humanizar a política" e atrair quadros com uma preocupação de falar mais diretamente com a população. "Buscamos pessoas que acreditam no mesmo que nós: na política do bem, na transparência e em um novo modo de atuar em favor do cidadão. Por isso, chegou um momento em que precisávamos incorporar esses ideais ao nosso nome e sermos reconhecidos por isso", declara.

Objetivo semelhante tem o Partido Ecológico Nacional (PEN), que irá mudar para Patriota e, com isso, espera abrigar o deputado Jair Bolsonaro (RJ), que hoje está no PSC e tem planos de se lançar candidato ao Palácio do Planalto em 2018. "Além de buscar a eleição do presidente da República, vamos impulsionar o partido de forma grandiosa e aumentar a bancada", explica o líder do partido na Câmara, deputado federal Junior Marreca (MA). Segundo Marreca, a meta é fazer um "resgate daquilo que a população quer: o patriotismo, a família, a integridade e a política de forma séria". O Partido Social Democrata Cris-



Roberto Romano



David Fleischer

tão (PSDC) também está de olho em 2018. A Executiva já decidiu que terá candidato próprio a presidente, mas não definiu quem será.

Nos últimos anos, quem disputou o Planalto pela legenda foi o presidente do partido, José Maria Eymael, que concorreu em 1998, 2006, 2010 e 2014. O diretor de marketing da legenda, Rubens Pavão, diz que a futura mudança de nome é uma tentativa de se diferenciar dos demais partidos. "Com tanta sigla, o PSDC se confunde. O projeto é mostrar a nossa filosofia, a democracia cristã, e solidificá-la. Decidimos colocar o nosso nome e sobrenome. Não mudamos, apenas assumimos aquilo que somos", argumenta.

REGRAS ATUAIS

Pelas regras de fidelidade partidária fixadas pela legislação eleitoral, os parlamentares que quiserem mudar de partido terão que aguar-

dar até março, seis meses antes da eleição, quando será aberto prazo de um mês para que migrem sem sofrerem punição. Quando a mudança é feita fora desse período, os parlamentares podem perder o mandato.

As situações aceitas fora desse período são em caso de criação ou fusão de legenda ou de mudança substancial ou desvio do programa partidário, além de grave discriminação pessoal.

CIENTISTAS POLÍTICOS

A simples mudança de nome, porém, é vista com ceticismo por cientistas políticos, que consideram a estratégia somente uma jogada de marketing.

Na avaliação de David Fleischer, Universidade de Brasília (UnB), alterar o nome representa "apenas uma mudança de fachada" e que é preciso haver uma reforma política profunda.



Roberto Romano, professor de política e ética da Universidade de Campinas (Unicamp), também considera ser algo pouco eficaz para o eleitor brasileiro.

"Os marqueteiros acham que mudando a sigla ou trocando por uma palavra mais significativa vão atrair a atenção dos eleitores. Mas o eleitor brasileiro foi acostumado, e isso é muito ruim, a não votar tanto em legendas, mas em indivíduos", pondera. Dessa forma, ele acredita que o nome é "o que menos importa nesse momento de crise".

De acordo com Romano, a tendência de trocar as siglas por palavras também tem uma explicação ligada às coligações partidárias.

Como é comum partidos usarem no nome termos como "socialista" ou "liberal" para indicar o seu posicionamento político, na hora de fazer alianças, causava um certo estranhamento a união de partidos com ideologias diferentes. Com a mudança do nome por palavra, isso ficará menos evidente. "Antes, os partidos utilizavam o nome como uma condensação do programa. Se era

socialista, carregava isso no nome. Hoje, os partidos buscam palavras mais genéricas para representar a sigla, ao invés de carregar no nome ideologias", diz Romano.

MIGRAÇÃO DE LEGENDA

Apesar de haver internamente no Democratas uma discussão sobre a troca do nome, a mudança é tratada, neste momento, como algo secundário. A prioridade, segundo o senador José Agripino (DEM-RN), que preside o partido, é reformular o estatuto. O objetivo é atrair parlamentares de outras siglas. "Isso dará uma oxigenação. Existe uma dissidência do PSB por insatisfação com a direção do partido. Estamos conversando", diz Agripino. Segundo o líder na Câmara, Efraim Filho (DEM-PB), a alteração estatutária visa também a repositonar o partido no espectro ideológico.

"O que se vê é um discurso polarizado. O [deputado Jair] Bolsonaro representa uma extrema direita. O [ex-presidente] Lula, a esquerda e fica essa lacuna no centro a ser preenchida e que pode ser preenchida por nós", avalia.